

OPINIÃO SOCIALISTA



Nº607
de 25 de fevereiro a
11 de março de 2021
Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Portal do PSTU



@pstu_oficial



FORA BOLSONARO E MOURÃO!

PANDEMIA

BRASIL À BEIRA DO COLAPSO. BOLSONARO É O CULPADO!



PETRÓLEO

Bolsonaro mantém desmonte da Petrobrás e preços continuarão altos



DITADURA NUNCA MAIS!

O caso de Daniel Silveira e as ameaças autoritárias de Bolsonaro Páginas 4 e 5

ANÁLISE

Lutar para derrubar Bolsonaro, e não esperar por 2022 Página 11

ESCÂNDALO

Governo e Congresso querem acabar com piso da Saúde e da Educação e dar auxílio merreca Página 14



PDF INTERATIVO

CLIQUE NO QR CODE >



DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

páginadois

CHARGE



“ Não se pode aceitar um lockdown no espírito humano. ”



Ernesto Araújo, ministro das Relações Exteriores, durante a abertura do Fórum de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), ao dizer que é contra “sacrificar a liberdade em nome da saúde”.

ATAQUE

Dameres anula anistias políticas

O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, comandado pela ministra Dameres Alves, anulou o reconhecimento de 123 pessoas como anistiados políticos. A decisão foi publicada no dia 22 de fevereiro e cancela portarias publicadas em governos anteriores. A iniciativa ocorre após o Supremo Tribunal Federal (STF) permitir, em outubro de 2019, a revisão dos pagamentos concedidos a 2,5 mil ex-cabos da Aeronáutica que recebiam indenizações por terem sido perseguidos durante a ditadura militar (1964-1985).



INDÍGENAS

A morte do último Juma

Morreu por complicações da COVID-19 o guerreiro indígena Amoim Aruká. Ele tinha entre 86 e 90 anos e era o último homem do povo Juma. A história dos Juma é a história do genocídio das populações indígenas no Brasil. De 15 mil pessoas no início do século 20, a etnia foi reduzida a cinco pessoas em 2002. Foi um genocídio comprovado, mas nunca punido, que levou seu povo quase ao completo extermínio. O último massacre ocorreu em 1964, no rio Asuã, na bacia do rio Purus, perpetrado por comerciantes interessados na sorva e na castanha existentes no território Juma. No massacre, foram assassinadas mais de 60 pessoas. Apenas sete sobreviveram. O mandante do crime, ciente do ocorrido, vangloriou-se



por ter sido o responsável de livrar “Tapauá dessas bestas ferozes”. Aruká foi um dos sobreviventes e continuou sua luta de resistência vendo seu povo beirar o desaparecimento. Aruká sobreviveu às investidas contra o seu povo, mas infelizmente foi uma vítima da COVID-19 que têm provocado a morte de vários anciões indígenas. Essas mortes são

irreparáveis, pois, na cultura dos povos originários, os anciões são guardiões da tradição e dos saberes. São livros que estão sendo dizimados por um governo genocida que não moveu uma palha para proteger os povos indígenas da pandemia.



SOCIALISTA Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

✉ opinio@pstu.org.br

🏠 Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Bolsonaro e o mercado contra o Brasil

Enquanto Bolsonaro faz de conta que peita o mercado e o aumento dos preços dos combustíveis para tentar conter a queda de sua popularidade e troca seis por meia dúzia no comando da Petrobras, dando mais uma boquinha para general entreguista seguir desmontando a maior empresa do país (leia nas páginas 6 e 7), ele também tenta desviar a atenção da pandemia e da sua reponsabilidade pelo fato de o Brasil inteiro estar virando Manaus.

A demissão de Roberto Castello Branco da presidência da Petrobras foi uma jogada eleitoral, mas não passa de cortina de fumaça. A verdadeira razão para os elevados preços é a dolarização dos preços, que enriquece meia dúzia de banqueiros e grandes investidores, o tal mercado, e isso vai ficar intocável.

O país já supera as 250 mil mortes pela pandemia. A vacinação anda a passos de tartaruga pela falta de vacinas, devido à incompetência e à política genocida de Bolsonaro e Pazuello. Ao mesmo tempo, o já insuficiente auxílio emergen-

cial termina, deixando milhões sem qualquer fonte de renda e uma explosão no desemprego. Isso num momento em que os produtos mais básicos, como arroz, feijão e óleo de soja, gás, para não falar da carne, tornam-se artigo de luxo.

É POSSÍVEL E NECESSÁRIO DERRUBAR BOLSONARO E MOURÃO

Diante dessa crise sem precedentes, o receituário do governo é ainda mais ataques. Querem agora conceder um auxílio emergencial cujo valor não chega à metade de uma cesta básica. E ainda chantageiam condicionando isso ao fim do piso da Saúde e da Educação.

Ao passo em que esse governo promove uma entrega do país como nunca houve, privatizando a maioria da Petrobras aos pedaços. Deram o Banco Central oficialmente aos banqueiros e preparam uma rodada de privatizações para se desfazerem de todo o patrimônio público, incluindo estatais como a Eletrobrás, os Correios etc. E, nesse projeto, aliam-se ao



centrão, o setor mais descaradamente corrupto do Congresso Nacional.

De outro lado, Bolsonaro vai militarizando cada vez mais o Estado, liberando armas e incentivando suas milícias particulares a fim de deixar preparado um plano b, caso perca as eleições, ameaçando com seu projeto de ditadura.

FORA BOLSONARO E MOURÃO! VACINA PARA TODOS JÁ!

Nesse sentido, é preciso reforçar a luta para colocar para Fora Bolsonaro e Mourão. Nesse sentido, as declarações de Haddad e Lula, colocando de lado a mobilização e essa luta, deixando tudo para as eleições de 2022, são um desastre. Ao contrário, a campanha pelo Fora Bolsonaro e

Mourão tem que ganhar as ruas, as redes sociais, os locais de trabalho, enfim, massificar-se.

É necessário reforçar o calendário de lutas do movimento:

- 1º de março: Indicativo de greve dos petroleiros
- 3 de março: Plenária da campanha Fora Bolsonaro
- 8 de março: Dia de luta das mulheres trabalhadoras

Uma alternativa dos trabalhadores contra a crise

O governo, o Congresso e os capitalistas têm acordo quando se trata de jogar a crise nas costas dos trabalhadores enquanto entregam o país para especuladores, banqueiros e multinacionais, e são sócios menores do fim de feira em que estão transformando o Brasil.

É preciso tomar medidas urgentes e profundas para defender o país, a classe trabalhadora e a maioria da população.

- Vacinação para todos já para combater a pandemia! Para isso, é necessário quebrar as patentes dos grandes laboratórios e fabricar os imunizantes em massa.

- Lockdown para impedir que o vírus faça a festa como ocorre hoje com a anuência dos governos. Isso pressupõe garantir os empregos e a renda. Retomar o auxílio de R\$ 600 e proibir as demissões, com o Estado tomando para si as folhas de pagamento das empresas de até 20 funcionários, apoiando o pequeno empresário e estatizando as grandes empresas e multinacionais que insistem em demitir. Da mesma forma, promover um plano de obras públicas que absorva os desempregados.

- É preciso, para isso, acabar com a Lei de Responsabilidade

Fiscal e o teto de gastos, que direcionam todo o orçamento para pagar juros a banqueiros e bilionários, e impor uma lei de responsabilidade social contra Bolsonaro, Guedes, o Congresso Nacional e o mercado e direcionar todo dinheiro para resolver os problemas do país e dos mais pobres.

- São medidas possíveis se tirarmos dos ricos. A proibição das remessas de lucros e a taxação das grandes fortunas dos bilionários poderiam bancar um novo auxílio emergencial e ainda sobrar.

- É preciso cancelar todas as privatizações, como a dos Correios e da Eletrobrás, e reesta-

tizar as empresas privatizadas, sob controle dos trabalhadores. Lutar por uma Petrobras 100% estatal sob controle operário e que atue de acordo com os interesses da população.

- Isso tudo só é possível estatizando o sistema financeiro sob controle dos trabalhadores.

Essas medidas só podem ser levadas a cabo por um governo que enfrente os ricos e a dependência do país dos banqueiros internacionais e multinacionais. Frentes como a que o PT busca com os capitalistas, como com Luiza Trajano, a dona do Magazine Luíza, ou com partidos do

centrão e políticos como Kalil, do PSD do Kassab, é mais uma reedição do mesmo programa capitalista e alianças dos governos do PT (como a que colocou Temer na vice da Dilma), que já vimos no que deu.

Só a classe trabalhadora e o povo pobre podem levar adiante esse programa, com um projeto socialista e um governo socialista dos trabalhadores, apoiado em conselhos populares, para efetivamente construir uma nova sociedade.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3UOPYAG](https://bit.ly/3uopyag)

DIREITA

Para além do deputado Daniel Silveira: ditadura nunca mais!

JOSÉ MARIA DE ALMEIDA,
DA DIREÇÃO NACIONAL DO PSTU

As discussões sobre a prisão do deputado bolsonarista Daniel Silveira (PSL-RJ) e a eventual punição que ele receberá (receberá?) na Câmara dos Deputados dominaram o ambiente político do país nos últimos dias. Trata-se de um assunto relevante sem dúvida. Mas há um risco de tomarmos essa parte pelo todo, que vai muito além desses acontecimentos e demanda uma reflexão que vá além da exigência de punição ao deputado miliciano. Silveira precisa sim perder o mandato parlamentar e continuar preso. Não por ter xingado os juízes daquela Corte nem necessariamente pelas leis que o Supremo Tribunal Federal (STF) alega que ele infringiu. Aliás, a famigerada Lei de Segurança Nacional, filha da ditadura militar, já devia ter sido eliminada do ordenamento jurídico há muito tempo.

Silveira deve ser punido porque é deputado e seu vídeo é, ao mesmo tempo, incitação e atuação concreta em defesa da implantação de uma ditadura que liquide com todas as liberdades democráticas, não só com o direito de expressão que, de forma cínica, o deputado reclama para si. Basta ver

a apologia que faz do AI-5. Foi este Ato Institucional que inaugurou o período mais duro da ditadura, marcado por perseguição, censura, prisões, tortura e assassinato de opositores.

Contudo, é importante registrar que o deputado miliciano não está sozinho nessa empreitada.

O CHEFE DA QUADRILHA SE CHAMA JAIR BOLSONARO

Veja! Na ocupação do Congresso Nacional dos Estados Unidos por apoiadores de Trump, Bolsonaro afirmou que, caso as eleições de 2022 não correspondam às suas expectativas (ou seja, se ele não ganhar), “aqui vai ser muito pior”; semanas atrás surgiram rumores sobre projetos de lei que estavam para ser enviados ao Congresso, concentrando nas mãos da Presidência da República o controle das polícias estaduais (em especial as militares); Bolsonaro acaba de baixar portarias que ampliam muitíssimo as possibilidades de acesso a armas e munições no país. É indissociável o sentido que têm esses movimentos do capitão-presidente.

Não é só isso. Estamos diante de um governo repleto de militares e com relações pra lá de promíscuas com boa parte do comando das Forças Armadas, como se vê pelo fa-

moso tuíte do general Villas Bôas de três anos atrás que voltou à imprensa por estes dias. A manifestação do Clube Militar acerca da prisão de Daniel Silveira, que defende abertamente a ditadura militar, é emblemática. É certo que o Clube Militar reúne militares da reserva, mas é sabidamente um canal de expressão também do alto oficialato da ativa que, em tese, não pode manifestar-se politicamente. Na nota, eles defendem o golpe de 1964 e, “sem entrar no mérito” dos ataques do deputado ao STF, afirmam que tais práticas realizadas pelo supremo deveriam ser exercidas também contra a esquerda.

Bolsonaro não é apenas um governante com uma política genocida frente à pandemia do novo coronavírus. Frente à catástrofe na economia, usa rios de dinheiro público para ajudar bancos e grandes empresários, deixando os pequenos à míngua, trabalhadores desempregados e sem direitos. Em pleno agravamento da pandemia, corta o auxílio emergencial dos mais necessitados. Privatiza o patrimônio do país, sucateia o serviço público, destrói o meio ambiente. Ele também é um governante que nunca deixou de defender a implantação de uma ditadura militar no país e nem sequer esconde esse objetivo. Só não levou adiante esse projeto até



Golpe militar de 1964



Deputado rasgando uma placa em homenagem a Marielle Franco



General Villas Boas

agora porque não teve apoio nem forças para tal.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3QOPHER](https://bit.ly/3QOPHER)

APARÊNCIAS

O que há de real e de enganoso no conflito entre Bolsonaro, STF e o Parlamento

O STF e o Congresso Nacional são instituições características de uma democracia burguesa e têm contradições evidentes com regimes ditatoriais (o AI-5 fechou o Congresso e cassou ministros do STF). Além disso, como estão a serviço dos bancos e

do grande empresariado, seguem a opinião destes. Por isso, opõem-se ao projeto ditatorial do capitão-presidente. Essa é a origem dos conflitos entre essas instituições e Bolsonaro. No entanto, essas mesmas instituições estão 100% com Bolsonaro

quando o assunto é atacar os direitos e as condições de vida dos trabalhadores e do povo e, muitas vezes, também para criminalizar os movimentos sociais.

A democracia burguesa é a democracia dos ricos. Sabemos que, além de sustentar

a exploração e a opressão da ampla maioria da população por um punhado de capitalistas, também utiliza cada vez mais a violência contra a luta da nossa classe e contra o povo pobre e negro. Por isso não defendemos esse regime político. Nós lutamos por uma

sociedade socialista, na qual os trabalhadores e o povo, de fato, governem o país e decidam sobre todas as questões importantes. Aí sim teremos uma democracia de verdade.

No entanto, para a classe trabalhadora, não é a mesma coisa viver num regime de-



Apoiadores de Daniel Silveira e Bolsonaro atacam um defensor de Marielle Franco

mocrático burguês ou numa ditadura enquanto lutamos para superar esse sistema capitalista decadente. Até

para lutarmos em defesa dos nossos direitos, pelas mudanças que precisamos fazer em nosso país, as condições

são melhores num regime no qual possamos fazer greve, haja direito de manifestação e de expressão, possa-

mos ter sindicatos e partidos políticos e as liberdades democráticas sejam minimamente asseguradas (ainda

que de forma limitada, como sabemos).

Numa ditadura fica muito mais difícil a luta e a organização da nossa classe. É desse ponto de vista, da nossa classe, que devemos fazer esse debate. São os trabalhadores e o povo pobre os que mais têm a perder com a implantação de uma ditadura. Por isso, nossa classe precisa sim lutar contra toda tentativa de se impor novamente uma ditadura e exigir de instituições que se dizem defensoras da democracia, como o STF e o Congresso, que adotem medidas duras contra toda tentativa e ameaça de impor esse retrocesso ao país, como agora, no caso do deputado Daniel Silveira. E não só com ele...

SAÍDA

Fora Bolsonaro e Mourão! Nenhuma confiança no STF e no Parlamento!

Bolsonaro não abandona seu projeto ditatorial, em primeiro lugar, porque sabe que vai crescer a resistência contra seu governo, que é uma questão de tempo a explosão de revoltas da população. Ele precisa ter as mãos livres para sufocá-las com ainda mais violência contra o povo. Em segundo lugar, ele confia que o grande empresariado, que hoje rejeita o seu projeto de ditadura, amanhã possa apoiá-lo por medo das conflagrações sociais que possam ameaçar o seu controle sobre toda a sociedade. Sabe que a opinião do empresariado incidiria também sobre os militares, o que poderia garantir apoio a sua aventura autoritária.

Precisamos colocar para fora esse governo o quanto antes, não apenas para garantir vacinação para todos e todas, emprego e auxílio emergencial para os que necessitam, mas também para afastar o perigo que representa, na Presidência da República, um defensor aberto de um autogolpe para implantar uma ditadura. É um verdadeiro crime deixar de investir na luta agora, para esperar as eleições de 2022

como faz a direção do PT e seus satélites, o PCdoB e mesmo a direção PSOL. O PT já está em campanha eleitoral.

Devemos sim exigir do Congresso Nacional o impedimento de Bolsonaro, Mourão e todo esse governo, mas não podemos ter nenhuma ilusão de que essa instituição (ou mesmo o STF) vá tomar até o final as medidas necessárias contra esse governo. Assim como não são essas instituições que defenderão os trabalhadores e suas organizações da sanha criminosa e da violência de setores protofascistas e grupos de milicianos alimentados por Bolsonaro.

O CAMINHO É A LUTA, A MOBILIZAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO DOS EXPLORADOS E OPRIMIDOS

A única garantia de poderemos colocar para fora esse governo é o povo mobilizado nas ruas. Não podemos depender desse antro de corruptos do Congresso, tampouco da cúpula do Poder Judiciário. Uma ampla mobilização de massas pode obrigar inclusive o empresariado a retirar a sustentação que dá hoje a Bolsonaro, em-

purar o Congresso Nacional no rumo do impeachment, forçar a queda de todo o governo.

Para isso, é preciso fazer a organização da nossa luta avançar. Sabemos dos problemas relacionados à pandemia que dificultam a realização de manifestações de massa nas ruas. Precisamos ter criatividade, fazer carreatas, painéis, atividades simbólicas até que possamos ir às ruas novamente. Fortalecer a unidade de ação, ao mesmo tempo que exigimos das grandes organizações da classe trabalhadora que se empenhem nessa luta já!

O outro aspecto de que precisamos cuidar é da preparação da autodefesa das nossas lutas e das nossas organizações. Já vivemos, pela decadência do sistema capitalista, um aumento da violência contra os trabalhadores e suas lutas e contra os pobres, mais ainda contra negros e negras. Por outro lado, a perspectiva de agravamento da crise social que temos pela frente vai levar a mais resistência, mais luta do movimento e mais violência por parte do sistema. Esse é o contexto no qual precisa-



mos entender o significado do fenômeno do bolsonarismo, especialmente de seus setores mais radicais, milicianos e protofascistas armados.

Não serão as instituições da democracia burguesa que vão defender os trabalhadores e suas organizações. Devemos atuar para enfraquecer os aparatos de repressão do Estado, chamar a base desses aparatos a não reprimir seus

irmãos trabalhadores e passem ao lado do povo. Mas isso não exige, pelo contrário, exige de nossas organizações que preparem sua defesa e a defesa das lutas dos trabalhadores contra a violência do Estado (e de qualquer outro tipo). Precisamos começar a fazer essa discussão de forma séria em todas as organizações e movimentos da classe trabalhadora.

PETRÓLEO

Bolsonaro e o mercado estão desmontando a Petrobras

Por isso pagamos gás e combustíveis dolarizados enquanto recebemos salários em reais

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3BCMMNY](https://bit.ly/3BCMMNY)

SECRETARIA NACIONAL DOS
PETROLEIROS DO PSTU

Depois que o preço dos combustíveis foi reajustado pela quarta vez somente este ano, Bolsonaro anunciou a troca do presidente da Petrobras, Roberto Castello Branco, pelo general Joaquim Silva e Luna, querendo dizer que tinha desacordo com a política de preços da estatal. É uma resposta a uma parte de sua base eleitoral que, por conta da política de preços, está rompendo e engrossando sua perda de popularidade.

Na campanha eleitoral, dizia que baixaria o preço dos combustíveis e que o gás de cozinha custaria R\$ 35. Hoje, o litro da gaso-

lina custa mais de R\$ 5 e o gás de cozinha está custando até mais de R\$ 100 em diversas regiões.

A mudança de presidente da Petrobras também serve para desviar a atenção do problema da falta de vacina frente ao aumento do número de mortes pela COVID-19, além de militarizar ainda mais o governo e colocar na empresa mais rica do Brasil mais um general de confiança para seus planos eleitorais.

Engana-se quem pensa que a atitude de Bolsonaro e sua trupe neoliberal visa proteger a soberania ou peitar o mercado. Nada disso. Esse governo está desmontando a Petrobras, promovendo uma rapina sem precedentes no país. Não à toa, perante o grita-

-grito do mercado, para que os acionistas continuem embolsando superlucros e a riqueza brasileira, o mesmo Bolsonaro se apressou para garantir a privatização dos Correios e da Eletrobrás.

Portanto, mais uma vez, ele faz falsas promessas aos caminhoneiros entregando uma diminuição pífia de preços por meros dois meses e remunerando acionista com dinheiro do Estado. Não vai mudar nada para o país e para o povo, porque essa política de preços é exigida para a privatização da empresa, que o governo está promovendo numa dimensão e velocidade sem precedentes.

Essa política prejudica o povo brasileiro, beneficiando apenas os acionistas, que hoje



controlam 62% do capital da Petrobras. Enquanto um punhado de capitalista lucra, mais de 14 milhões de famílias brasileiras estão cozinhando a lenha porque não têm condições de comprar um botijão de gás.

Ele vai colocar um militar na presidência da Petrobras para controlar diretamente a maior

empresa do país. Seu único objetivo é fazer avançar sua política de rapina. Ele já privatizou a BR Distribuidora, impôs uma política de desinvestimento que retira a Petrobras do Nordeste e do Norte e, agora, quer vender oito das treze refinarias da Petrobras. Para atender aos desejos do mercado, vai manter os preços dolarizados.

CAMPANHA

Por que os preços dos combustíveis estão nas alturas?

O Brasil é hoje o décimo maior produtor de petróleo do mundo. Segundo o Ministério de Minas e Energia, exportou 1,4 milhão de barris de petróleo por dia em 2020. Fica evidente que o Brasil tem petróleo de sobra, mas mesmo assim, só

em 2021, a gasolina já acumula alta de 34,78% em quatro aumentos, e o Diesel, de 27,7%, somados três reajustes. O gás de cozinha (GLP) subiu 11,1% e chega a custar até mais de R\$ 100 em várias regiões do país. Mas por que os preços dos com-

combustíveis estão nas alturas?

Os preços dos combustíveis sobem porque a Petrobras não é mais uma empresa completamente estatal. Nos últimos dez anos, todos os governos, principalmente Temer (MDB) e Bolsonaro, aceleraram a desestatização da Petro-

bras – ou seja, ofereceram ações da União para acionistas privados na bolsa de valores.

É justamente para remunerar estes especuladores que a diretoria da Petrobras decidiu que os preços dos combustíveis devem “convergir com os preços

internacionais”. Seus acionistas privados exigem a maximização do pagamento dos lucros. É por meio desta convergência com preços internacionais, ou a atual paridade de preços de importação, o motivo para o preço dos combustíveis vá para as alturas.

ENTREGA DAS REFINARIAS

Qual é a relação da venda das refinarias com a alta dos combustíveis?

No ano passado, Bolsonaro anunciou que a Petrobras venderia oito de suas treze refinarias para “incentivar a competição no mercado interno de combustíveis e gás de cozinha”. Quem seriam, então, esses novos competidores? A primeira refinaria a ter sua venda anunciada é a RLAM, localizada na Bahia.

Essa é segunda maior refinaria em capacidade de produção. Ela abastece o maior complexo industrial do hemisfério sul, o polo Petroquímico de Camaça-

ri, além de estados do Norte e do Nordeste, e exporta para Estados Unidos, Argentina e Europa os seus mais de 31 produtos, dentre os quais gás de cozinha, gasolina, óleo diesel, querosene de aviação, lubrificantes, combustíveis para termoeletricas, indústrias, navios etc. Essa venda ao fundo de investimento árabe Mubadala Capital por US\$ 1,65 bilhão poderá custar muito caro para o povo brasileiro.

A Petrobras, no terceiro trimestre de 2020, divulgou que

o custo do barril de petróleo no Brasil ficou em US\$ 12,75 e o custo do refino, US\$ 1,41 por barril. Mas, puxado pelo preço internacional do barril de petróleo por US\$ 42,30, as refinarias da Petrobras definiram o preço de derivados básicos – no Brasil a US\$ 47,97 por barril. A venda das refinarias a grupos estrangeiros cristalizará esse modelo de preços, extraindo o máximo de lucro sobre o mercado brasileiro, o que explica o preço hoje estar nas alturas.



A venda das refinarias brasileiras será um ótimo negócio para os especuladores, pois o petróleo brasileiro é cinco vezes mais barato que o internacional,

mas o preço dos derivados é nivelado pela bolsa de valores. Privatizar as refinarias significará eternizar esta lógica de preços nas alturas.

CHANTAGEM

Se as ações da Petrobras continuarem caindo, a empresa vai quebrar?

Apesar de aparentes divergências, a burguesia, Bolsonaro e a grande imprensa têm um ponto em comum e que é sagrado para eles: a defesa da propriedade capitalista dos acionistas privados e estrangeiros. Essa unidade se expressa na forte pressão que banqueiros, especuladores, grande imprensa, analistas e políticos estão fazendo sobre o país para manter a

ferro e fogo o atual modelo de preços.

A Petrobras tem hoje 63,25% das suas ações nas mãos de investidores privados e estrangeiros e a queda de seu valor de mercado é uma chantagem orquestrada em nível internacional com apoio da burguesia brasileira. No papel, a empresa vale hoje R\$ 281 bilhões. Mas, como bem sabemos, a Petrobras não é

papel na bolsa de valores, e sim plataformas, refinarias, terminais, termoeletricas e reservas de petróleo provadas e estimadas que juntos podem somar entre R\$ 5 trilhões e R\$ 10 trilhões.

Essa pressão e especulação não quebrará a Petrobras, mas poderá colocar o mercado consumidor brasileiro refém do cartel internacional do petróleo.



ENTREGUISTA - Bolsonaro entrega ao Congresso MP para privatizar a Eletrobrás.

MOBILIZAÇÃO

Classe trabalhadora precisa entrar em cena para definir rumos da Petrobras

Essa crise toda do preço dos combustíveis, combinada com a inflação dos alimentos, pandemia e o fim do auxílio emergencial, pode transformar um país num imenso barril de pólvora. Até quando a população vai aguentar pagar a conta do gás de cozinha? Os caminhoneiros aguentarão o preço do diesel? Os motoristas de aplicativos aguentarão a fatura da gasolina?

Os caminhoneiros ensaiaram uma greve no início de fevereiro, mas foram traídos por dirigentes governistas que ago-

ra comemoram a troca da presidência da Petrobras.

Os petroleiros, por sua vez, começam a dar sinais de novas mobilizações e de preparação para uma greve nacional a partir do dia nacional de luta, no dia 18 de fevereiro, que parou a RLAM e colocou em movimento outras refinarias como Cubatão, Revap (SP), Regap (MG), Reduc (RJ) e outras unidades no país. O próximo passo a ser dado é a construção do dia 1º de março, nas assembleias, nos setoriais, nas Cipas, nos comandos de base, que poderá ser o início de uma



grande greve nacional petroleira, unificando as bases das duas

federações de petroleiros – a Federação Nacional dos Petroleiros

(FNP) e a Federação Única dos Petroleiros (FUP).

Por isso, a exemplo da mobilização dos petroleiros, é preciso que as centrais sindicais, movimentos populares e sociais, construam greves setoriais que possam conectar-se em greves nacionais para impedir todas as privatizações em curso – não apenas da Petrobras, mas também da Eletrobrás, dos Correios e do Banco do Brasil. Assim, podemos enterrar os planos de privatização e da alta do gás de cozinha, dos combustíveis e tarifas públicas.

100% ESTATAL

Alternativa operária e socialista para o abastecimento do país

Bolsonaro impõe à Petrobras que os seus produtos tenham preços com paridade de importação, isto é, não é o custo da produção nem do refino que determinam o preço dos derivados de petróleo. Enquanto a Petrobras for direcionada à lucratividade dos acionistas, medidas

como redução da carga de impostos federais e estaduais serão paliativas e insuficientes.

A Petrobras precisa ser completamente estatizada sem indenização para os grandes especuladores dos fundos privados e estrangeiros. Uma empresa 100% estatal que eleja sua

diretoria entre os empregados de carreira e que tenha no seu estatuto a defesa da soberania e do abastecimento a preços justos e atrelados somente aos custos operacionais e aos planos de investimento em novas descobertas, ampliação e desenvolvimento dos campos pro-

dutores e do parque de refino, libertando, dessa maneira, o povo brasileiro da lógica extorsiva dos preços com paridade de importação. Essas medidas são a base para a ruptura com o cartel internacional do petróleo, composto por seis grandes empresas que dominam o mer-

cado mundial e definem os preços em todos os países.



PANDEMIA

Por culpa de Bolsonaro, Brasil vive pior momento da pandemia e pode colapsar

DA REDAÇÃO

Já faz mais de trinta dias que o país registra mais de mil mortes diárias por COVID-19, totalizando 250 mil vítimas. Na maioria dos estados, há sinais de colapso no sistema de saúde, com Unidades de Terapia Intensiva (UTI) cada vez mais sobrecarregadas.

O estado de São Paulo tem hoje o maior número de pessoas internadas em UTI com COVID-19 de toda a pandemia. A pior situação é no interior. Campinas, por exemplo, tem 100% dos leitos de UTI ocupados. A situação é semelhante em Araraquara (86,9%), Barretos (81,4%), Bauru (92,2%) e Presidente Prudente (87,5%).

O Paraná vive um colapso iminente no sistema de saúde, com ocupação de 92% dos leitos de UTI. Porto Alegre (RS) registrou superlotação de até 375% nos pronto-atendimentos, e três das sete macrorregiões do estado vão entrar em colapso nos próximos dias.

Em Manaus (AM), um dos epicentros mundiais da pandemia, o comércio voltou a ser liberado enquanto o número de enterros diários aumenta e a vacinação foi suspensa. Em Parintins (AM), os doentes começaram a ser submetidos a contenção mecânica, quando o paciente fica amarrado à cama com gaze, por falta de sedativo.

Em Uberlândia (MG), 95% das UTIs para tratamento de COVID estão ocupadas. Monte Carmelo (MG) está há mais de um mês com 100% dos leitos ocupados e está faltando oxigênio. Em Santarém (PA), os leitos também estão 100% ocupados e com fila de espera de doentes na UPA precisando ser transferidos.

Tudo isso ocorre num momento que os hospitais de

campanha já foram desmontados em todo o país!

É bom salientar que as internações em UTIs hoje retratam um crescente volume de infecções que aconteceram ao longo dos últimos quinze dias. É apenas a ponta do iceberg do colapso iminente do sistema de saúde de várias regiões do país nos próximos dias. Ao que tudo indica, março será o pior mês da pandemia. Mesmo assim não há um sinal de que os governos adotarão medidas efetivas de isolamento social, como o lockdown, ou mesmo reativar os hospitais de campanha.

VACINAS A CONTA-GOTAS

A maior parte dos estados está suspendendo a vacinação por falta do imunizante. Até 22 de fevereiro, apenas 2,7% da população brasileira havia recebido alguma dose da vacina – 7.138.282 pessoas. Destas, apenas um milhão e duzentas mil pessoas receberam a segunda dose.

Mesmo assim, o general COVID, o ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, recomendou aos municípios que não mais reservassem vacinas para a aplicação da segunda dose. De acordo com ele, haverá novas remessas das vacinas aos estados.

A realidade é que o governo brasileiro não tem nenhuma vacina neste momento. Existe somente a perspectiva de recebermos algumas poucas doses em março, no máximo sete milhões, mas nem isso é certo, além de ser totalmente insuficiente. Por isso, a vacinação no país caminhará lentamente, a conta-gotas. O Instituto Butantã, o maior fornecedor de vacinas no país, estima que vai entregar 100 milhões doses até o dia 30 de agosto.

A falta de vacinas é cul-



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3PP8SS0](https://bit.ly/3PP8SS0)

pa de Bolsonaro e Pazuello. O governo segura o dinheiro para comprar as tão necessárias vacinas. Dos mais de R\$ 20 bilhões liberados para compra desde agosto, utilizou somente 9%.

Mais recentemente, o governo recusou a compra de dois milhões de doses do imunizante da Pfizer, cujo uso foi aprovado pela Anvisa e imuniza com apenas uma dose. Também se negou a investir

em pesquisa científica e tecnologia fortalecendo instituições como o Instituto Butantã e a Fundação Oswaldo Cruz. Ao contrário, liquidou com as verbas públicas voltadas à ciência.

No entanto, não faltou grana para a produção de cloroquina. Foram produzidos mais de cinco milhões de comprimidos do produto, mesmo depois de a Organização Mundial da Saúde (OMS) suspender os testes definitivamente, em julho

do ano passado, pela comprovada ineficácia.

Se por um lado a cloroquina é totalmente ineficaz, podendo até agravar a situação do paciente, por outro ela foi um manancial de corrupção e superfaturamento. O Ministério Público, junto ao Tribunal de Contas da União (MPTCU), investiga por que o Comando do Exército pagou 84 vezes mais na compra de insumos para a fabricação da cloroquina.

PIOR QUE ESTÁ FICA SIM

Mutações podem fazer vírus escapar de vacinas

O descontrole total da pandemia tem produzido mutações mais infecciosas do vírus. Um indicativo de que essas novas variantes já estão circulando no país é o fato de as UTIs de vários estados estarem sobrecarregadas.

A maior preocupação é que essas novas variantes consigam escapar das vacinas já de-

envolvidas. Isso pode comprometer a eficácia das vacinas e fazer com que a COVID-19 se torne endêmica como a dengue, a gripe, a malária e a tuberculose, por exemplo.

A vacinação lenta, a ausência de medidas preventivas efetivas e a política genocida de Bolsonaro e Pazuella são responsáveis por essa situação.

Bolsonaro e os governadores militam contra o isolamento social, mesmo diante do colapso iminente do sistema de saúde.

Só tem uma saída: imunizar cada vez mais rápido a população com todas as vacinas disponíveis para evitar que o vírus se multiplique de forma indiscriminada, diminuindo assim a chance de sofrer mutações.

VAMOS FALAR DE LOCKDOWN

Quarentena pra valer com auxílio a trabalhadores e pequenos comerciantes

A única maneira de evitar o colapso e as mutações do vírus é restringindo a circulação de pessoas com um lockdown, mas há uma frente única entre Bolsonaro, governadores e vários prefeitos contra a medida. Alegam que vai trazer mais prejuízos aos comerciantes e ameaçar empregos. Alguns políticos têm adotado toque de recolher das 22h às 5h, mas isso é pura hipocrisia.

Os governos resistem ao lockdown porque não querem pagar auxílio emergencial de verdade para os trabalhadores e para os pequenos comerciantes ameaçados de falência. Dizem que o Brasil está quebrado, mas jogam metade do orçamento nas mãos dos banqueiros com o pagamento da dívida pública. Desse modo, empurram milhões para a morte e garantem o lucro dos grandes capitalistas

NOVA FARSA DE BOLSONARO

A cloroquina de Israel

Ameaçados de serem processados por incentivarem o uso da cloroquina, Bolsonaro e Pazuella encontraram uma nova cura milagrosa para a COVID.

A nova panaceia de Bolsonaro é o spray nasal EXO-CD 24, utilizado para tratamento de câncer de ovário, testado por Israel em apenas 30 pacientes, sem acompanhamento pós-hospitalar e sem resultados publicados. Bolsonaro já disse que vai gastar milhões para trazer a droga mágica ao Brasil. Talvez mande até o exército produzi-la aqui no Brasil de forma superfaturada, ao gosto dos generais do seu governo.

O spray nasal é uma cortina de fumaça para esconder o descontrole total da pandemia e a falta de vacinas. Além disso, é preciso lembrar que Israel vacinou quase 80% de sua população. No entanto, impede que uma única dose de vacina chegue até os palestinos, como na Faixa de Gaza.

PATENTES

O capitalismo quer lucrar com a morte

O monopólio da grande indústria farmacêutica impede a produção de vacina em massa pelo mundo. O direito de patentes é uma estratégia dos grandes laboratórios para impedir que outros fabriquem e vendam a vacina a preços mais baixos. Ao ter o direito às patentes, só as corporações farmacêuticas podem seguir produzindo vacinas, ganhando muito dinheiro com a escassez dos imunizantes. Também fazem chantagens com os governos, como, por exemplo, fez a Pfizer, que pela assinatura de um contrato com cláusulas que isentam a farmacêutica de responsabilidades, exigem um fundo garantidor para o pagamento e a adoção de convenção de arbitragem sob as leis de Nova Iorque.

As patentes das farmacêuticas impedem o uso da capacidade produtiva de muitos países, inclusive do Brasil, voltada à produção de vacinas. Enquanto isso, um punhado de bilionários enriquece à custa da morte. Por isso, é preciso quebrar as patentes desses monopólios para garantir a vacinação em massa.

Como se não bastasse, as grandes farmacêuticas têm Bolsonaro como um grande aliado. Ele é contra a quebra de patentes de medicamentos e vacinas contra a COVID-19, comportando-se como um lambe-botas do imperialismo europeu e estadunidense.

O Brasil poderia ser um importante fabricante de insumos, inclusive um desenvolvedor deles. No passado, desenvolvemos a vacina contra a febre amarela. Com a atual capacidade do SUS, seria possível imunizar a população em três ou quatro meses e ainda ajudar a imunizar o mundo.

GREVES EM DEFESA DA VIDA

Aulas presenciais é um crime

Mesmo diante do descontrole total da pandemia, os governos estão exigindo o retorno às aulas. Em São Paulo, desde que as atividades presenciais foram retomadas nas escolas estaduais, municipais e privadas, já foram contabilizados oficialmente 741 casos de COVID-19 e mais de 1.100 casos suspeitos. Entidades de professores denunciam que os números estão subnotificados e há pressão de direções para esconder casos.

A primeira vítima da ação criminosa do governo foi a professora de geografia Maria Tereza Miguel Couto, de 32 anos, que faleceu, no dia 20 de fevereiro, vítima de COVID-19. Sua mãe também morreu devido à doença.

Em São Paulo, os trabalhadores em educação estão em greve contra a retomada das aulas presenciais. Em Recife, o Simpere, sindicato dos professores municipais, deu início a uma forte campanha contra a volta às aulas. A entidade vem denunciando a morte de vários professores em razão da COVID-19.

PROGRAMA

Vacina para todos já! Fora Bolsonaro, Mourão e Pazuella!

Bolsonaro é o maior militante a favor do vírus. Seu governo de morte é um obstáculo para a vacinação. Tirá-lo de lá é condição fundamental para enfrentar a pandemia e salvar vidas.

Quebrar as patentes da indústria farmacêutica!

A quebra das patentes pode garantir a produção em massa das vacinas

Quarentena para valer!

O lockdown é uma necessidade para enfrentar o iminente colapso da saúde. Para garanti-lo, é preciso auxílio emergencial de verdade para os trabalhadores e para os pequenos comerciantes ameaçados de falência.

MULHERES

Plenária nacional de mulheres do PSTU reúne mais de 800 pessoas

LUCIANA CANDIDO,
DA REDAÇÃO

No dia 19 de fevereiro, a Secretaria Nacional de Mulheres do PSTU realizou uma plenária nacional aberta. A reunião teve o tema “A situação do Brasil e a luta das mulheres”. O objetivo foi construir um 8 de Março de luta e fazer avançar a organização das mulheres.

O resultado surpreendeu até mesmo as organizadoras. A sala virtual suportava 500 pessoas, um número bem abaixo das mais de 800 que participaram, das quais metade ou mais não eram militantes do PSTU. Foi necessário transmitir ao vivo pelo canal do partido no YouTube para que todas pudessem assistir.

A plenária foi conduzida por Érika Andreassy, da Secretaria Nacional de Mulheres, e Vera Rosane, da Secretaria Nacional de Negras e Negros. Elas informaram a presença de camaradas de todos os estados e de outros países. Tivemos também a participação de Mirtes Renata, mãe do menino Miguel que morreu ao cair de um prédio em Recife, em junho de 2020, enquanto a mãe teve de passear com a cadela da patroa. Alguns homens também entraram e participaram como observadores.

Marcela Azevedo, trabalhadora da saúde, do Movimento Mulheres em Luta (MML) e também da Secretaria Nacional de Mulheres do PSTU, apresentou o tema. Ela fez uma análise da situação das mulheres sob o governo Bolsonaro, em especial no último ano.

As políticas criminosas do governo atingem de forma mais intensa as mulheres, lembrou Marcela. São as que mais sofrem com fim do auxílio emergencial e as que mais são jogadas no desemprego. As mulheres também têm de lidar com os casos de violência doméstica e de feminicídios, que explodiram no país, com o adoecimento mental e com a sobrecarga no lar.

Marcela fez uma crítica dura às organizações que se colocam no campo da esquerda – PT, PCdoB, PSOL e outros – e se aliam a mu-

lheres burguesas, como o PT faz ao bajular Luiza Trajano, dona do Magazine Luiza, para vice de Haddad em 2022. Apesar de podermos travar lutas muito pontuais com essas mulheres, como a exigência por vacina ou contra a violência, jamais serão nossas aliadas.

Ela também condenou as ilusões semeadas por essas organizações no parlamento e disse que o caminho que devemos tomar nesse 8 de Março deve ser “um caminho de ação direta, de luta direta, que não busque atalhos”.

ACABAR COM A OPRESSÃO E A EXPLORAÇÃO

“Já não aguentamos mais chorar e enterrar tanta gente”, disse Vera Lúcia, da direção nacional do PSTU e ex-candidata a presidente em 2018, lembrando o caráter genocida do governo Bolsonaro, que já mandou mais de 240 mil brasileiros para a morte e dificulta o combate à pandemia.

Ela destacou bem quem carrega o maior peso dessa política assassina: “[Bolsonaro] deixou milhares de famílias sem comida ao não pagar o auxílio emergencial. Não podemos esquecer que essas famílias são, na maioria, chefiadas por mulheres negras.” Por isso, é decisivo fazermos um 8 de Março para “botar para fora o governo Bolsonaro e Mourão e seus aliados, com as mulheres na vanguarda, e derrotar toda a direita reacionária”, disse.

Vera defendeu toda a unidade para lutar, mas reafirmou o caráter de classe da luta contra o machismo: “Precisamos construir um polo da nossa própria classe, socialista e revolucioná-

rio, que organize e combata o machismo, inclusive no interior da nossa própria classe para garantir a unidade entre nós.”

Vera também lembrou o papel que é imposto pelo machismo à mulher na sociedade capitalista – pior ainda se ela for negra ou LGBT. Somos loucas, fracas, histéricas. Isso está também no interior da nossa classe.

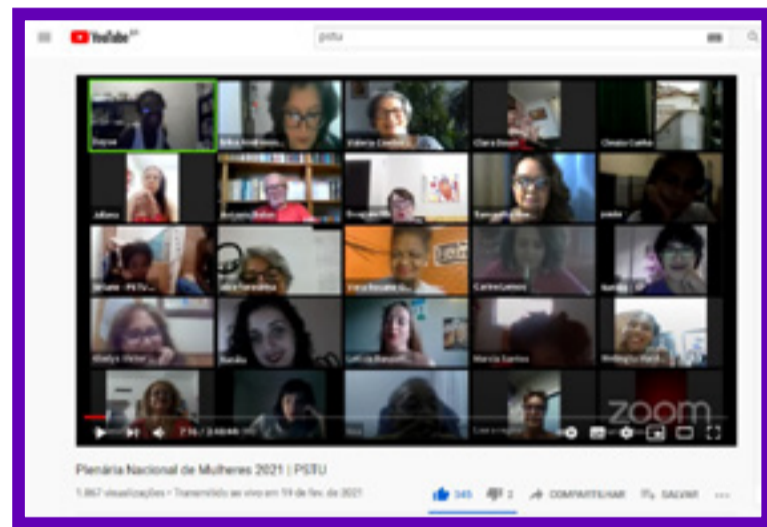
Ela combateu ainda ideologias que defendem as oportunidades individuais. No capitalismo, não há sequer postos de trabalho para todas as mulheres, muito menos para empoderar a todas. São ilusões vendidas inclusive por organizações que se colocam no campo da esquerda, como PT, PCdoB, PSOL, e são aceitas pela burguesia, pois nem sequer arrancam o sistema.

MULHERES DO MUNDO

Saudações de companheiras de partidos da Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI), da qual o PSTU faz parte, de diversos países emocionaram as participantes. Falaram companheiras da Argentina, do Chile, da Costa Rica, de Honduras, do México, dos Estados Unidos, da Itália e do Paquistão.

A presença internacional reforçou a importância da luta das mulheres, que são mais da metade da população mundial. Lorena Cáceres, da Secretaria de Mulheres da LIT-QI, lembrou que esta é uma luta de trabalhadoras e trabalhadores do mundo inteiro.

As mulheres que estão na vanguarda de vários processos de luta e têm conseguido balançar o sistema. Em Mianmar, elas



são a linha de frente contra o golpe militar de 1º de fevereiro. Na Polônia, elas resistiram e impediram um retrocesso na lei do aborto. Na Argentina, elas conquistaram uma vitória histórica aprovando a lei do aborto.

Por consequência, são mais perseguidas e reprimidas. No Chile, Maria Rivera, advogada, ativista de direitos humanos e militante da LIT-QI, está sendo acusada criminalmente de sedição por, em janeiro de 2020, ter pedido aos carabineiros, a polícia nacional do Chile, que não atirassem nos manifestantes. Isso para impedi-la de concorrer à Constituinte.

CONSTRUIR A NOSSA EMANCIPAÇÃO

A pandemia não nos trouxe nada de bom, só escancarou o lado mais bárbaro do capitalismo, mas ela também não nos calou. Estamos aprendendo novas formas de nos organizarmos e nos unirmos e, quem sabe, fazer nossa luta chegar até mais longe e mais forte.

Saímos da plenária com a ta-

refa de construir atos de luta no 8 de Março nos estados pelo fim da violência machista e da cultura do estupro, por salário igual para trabalho igual, pela volta imediata do auxílio emergencial, pela legalização do aborto, contra a volta às aulas presenciais. Nossos atos também devem servir para impulsionar a luta de toda a classe trabalhadora para botar para fora Bolsonaro e Mourão e toda a sua corja genocida e garantir vacina para todos já.

O PSTU sabe, porém, que a luta não para aí. O maior assassino é o capitalismo. Se o capitalismo não morrer, qualquer conquista se perderá. A única forma de nos emanciparmos é construindo uma sociedade socialista, livre da opressão e da exploração. Para cumprir essa tarefa, é preciso que estejamos organizados, mulheres e homens da classe trabalhadora, negras e negros, indígenas, LGBTs e outros oprimidos.

O PSTU vem construindo uma alternativa revolucionária há quase três décadas com esse objetivo. A todos que participaram da plenária – e aos que não participaram também –, fica o convite para que venham nos conhecer.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3PSJEMM](https://bit.ly/3psjemm)

ASSISTA



PERDEU A
PLENÁRIA?
ASSISTA AQUI



ANÁLISE

É possível derrubar Bolsonaro?

EDUARDO ALMEIDA NETO,
DA DIREÇÃO DO PSTU E DA LIT

Muitos ativistas estão se perguntando isso. Afinal, com a blindagem conseguida por Bolsonaro no Congresso Nacional, pagando bilhões ao centrão, a possibilidade de um impeachment parece afastada. Mas, apesar disso, não achamos, como Lula, que já não há tempo para impeachment e que é impossível derrubar Bolsonaro.

UM GOVERNO GENOCIDA

Em primeiro lugar, motivos para derrubar Bolsonaro não faltam. A resposta dele à pandemia é a pior do mundo e o Brasil pode ser em alguns meses uma grande Manaus.

Existe uma recessão mundial e ele atacou direitos trabalhistas e suspendeu o auxílio emergencial. Com desemprego, arrocho salarial e precarização do trabalho, a situação dos trabalhadores é gravíssima.

A QUEDA NA POPULARIDADE PODE SE AMPLIAR

Bolsonaro tem uma base política de ultradireita. Mas, embora mantenha um apoio perto de 30%, os que defendem sua pauta de conjunto não ultrapassam 15%. Com a pandemia fora de controle e o fim do auxílio emergencial, abriu-se uma nova tendência de queda na sua popularidade.

O início da vacinação gerou expectativas nas massas. Porém a popularidade dele não melhorou, e os atrasos e o agravamento da pandemia tendem a piorá-la. Não se sabe até que ponto a volta do auxílio, bem menor que o do ano passado, pode estancar esse desgaste.

A pandemia tem um efeito político contraditório. Por um lado, desgasta o governo negacionista. Por outro, impõe limites à mobilização. Hoje, é um fato que o repúdio a Bolsonaro é crescente, mas ainda não é explosivo. Não está descartado, porém, que sua popularidade caia mais.



Não é descartado inclusive, que possa ocorrer uma explosão social. Não estamos afirmando que vai ocorrer, nem mesmo que isso é o mais provável. É uma possibilidade. Estamos vendo no mundo explosões populares sob a pandemia, como nos EUA após o assassinato de George Floyd, em Mianmar depois do golpe etc.

Contudo, mesmo sem uma explosão social, a base atual de descontentamento com Bolsonaro permitiria grandes mobilizações. Elas ainda estão contidas pela pandemia, pela recessão, pelo desemprego e pelas direções majoritárias do movimento que não atuam com prioridade de construir uma oposição mobilizada embaixo.

A TRAVA DAS DIREÇÕES

Perante uma realidade de insatisfação crescente, mas ainda sem ascenso generalizado, tem importância o papel das direções majoritárias. A verdade é que essas direções não querem derru-

bar Bolsonaro antes das eleições de 2022.

No Brasil, temos dois partidos reformistas com peso de massas. O maior deles é o PT. Bem atrás, está o PSOL. Quando falamos em partidos reformistas não estamos xingando. Trata-se de uma definição dos objetivos deles.

São partidos adaptados ao sistema, à ordem, à democracia burguesa, por isso priorizam as eleições e não a mobilização. Essa é a realidade do PT, um partido que surgiu a partir das lutas dos trabalhadores, mas que se transformou em parte da institucionalidade, do Estado e do regime burgueses.

Essa institucionalização leva o PT a não priorizar a mobilização de massas, negando a sua própria origem. Quando Lula diz: "já não há tempo para iniciar o processo, visto que a corrida eleitoral de 2022 se aproxima", sinaliza para deixar de lado a mobilização. Ou seja, não dá para derrubar Bolsonaro, vamos nos preparar

para as eleições de 2022. A institucionalização do PT também se estende ao PSOL, ainda que não no mesmo grau.

Esse caminho favorece Bolsonaro até mesmo para 2022. Estão esperando que aconteça no Brasil as derrotas eleitorais da direita que está se passando no mundo, mas mesmo tais derrotas aconteceram depois de grandes mobilizações. Sem o levante após a morte de George Floyd, dificilmente Trump teria sido derrotado eleitoralmente. Assim se deu na Argentina, na Bolívia e talvez se dê no Equador. Se não houver mobilização, existe a possibilidade de Bolsonaro ganhar em 2022.

A hora é de mobilização contra o governo, não de campanha eleitoral.

A RELAÇÃO NO CONGRESSO NÃO É O MAIS DETERMINANTE

Não é meramente a relação de forças no Congresso que determina a possibilidade ou não de derrubada do governo.

A vitória do governo no Congresso, por si só, não as-

segura estabilidade ou blindagem. O que pode levar ou não à queda do governo é uma combinação de fatores, mas, entre os mais importantes, está a existência de um grande ascenso de massas.

E AGORA, O QUE FAZER?

É preciso dar continuidade à luta. Devemos exigir de todos unidade para lutar.

Não está descartada uma explosão social, possibilidade para a qual também devemos estar preparados. Desde as periferias e bases das empresas, é possível ir acumulando forças e exigir das direções que se comprometam com as lutas.

Junto com ativistas independentes, lideranças minoritárias e setores da base do PT e do PSOL, podemos também ir construindo na luta um polo de independência de classe, que aposte na mobilização pelo Fora Bolsonaro e Mourão e na construção de uma alternativa.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3DHWZSJ](https://bit.ly/3dhwzsj)

TEORIA

Progressismo, reformismo e socialismo

O que é o “progressismo”? O que existe de comum entre todas as organizações, partidos, governos e intelectuais que se colocam nesse campo? Em uma série de artigos que iniciamos nesta edição do Opinião Socialista, analisaremos as diversas propostas e setores dessa expressão política e ideológica.

BERNARDO CERDEIRA
DE SÃO PAULO (SP)

nas últimas três décadas, assistimos ao crescimento de ideias, movimentos e governos ditos “progressistas”. Esse fenômeno se deu principalmente depois da restauração do capitalismo e da queda dos regimes burocráticos stalinistas na China, na ex-URSS e nos demais países nos quais a burguesia havia sido expropriada.

O descrédito dos regimes ditatoriais stalinistas e de seus partidos, assim como da social-democracia, que promoveu as políticas de ajuste neoliberal na Europa, abriu espaço para um novo tipo de corrente que também defende reformar o sistema capitalista, mas com outra cara. Até as velhas burocracias se incorporaram a esse novo fenômeno.

O progressismo ganhou visibilidade no início dos anos 2000 durante as diversas edições do Fórum Social Mundial sob o lema “Outro mundo é possível”, sem dizer em que sistema social se basearia esse novo mundo. No mesmo período, deu-se uma onda de governos progressistas na América Latina com a eleição de Chávez seguida pelas de Lula (Brasil), Nestor Kirchner (Argentina), Tabaré Vázquez (Uruguai), Evo Morales (Bolívia), Rafael Correa (Equador), Manuel Zelaya (Honduras) e Mauricio Funes (El Salvador).

Depois de alguns anos em que o pêndulo eleitoral oscilou para a direita, com a eleição de Bolsonaro no Brasil e de Macri na Argentina, e com o golpe na Bolívia, novamente partidos e presidentes ditos progressistas voltam a

ganhar eleições. É o caso de López Obrador no México, Arce na Bolívia, Alberto Fernández na Argentina e possivelmente Araúz no Equador. Essa nova tendência é um produto distorcido das mobilizações populares contra os governos de direita que se deram no Equador, na Bolívia, na Argentina e principalmente no Chile.

O progressismo como ideologia e como corrente política vai além dos governos que se autodenominam como tais. Está presente em todo o mundo. Existe uma gama de partidos políticos, movimentos, ONGs e intelectuais que se colocam sob um amplo guarda-chuva do progressismo. Mas, afinal, qual é o programa desse “campo progressista”?

UM PROGRAMA DE REFORMAS

Em primeiro lugar, temos de dizer que o progressismo reconhece as grandes mazelas da sociedade capitalista: brutal desigualdade social; desemprego e miséria crescentes; opressão de mulheres, negros, povos originários e setores LGBT; o desastre ecológico do aquecimento global; a emergência de novos governos autoritários; violações de direitos humanos; exploração dos países periféricos pelas potências imperialistas; e muito mais.

No entanto, o progressismo não opina que essas calamidades são inerentes ao sistema capitalista e as atribui ao que eles denominam de variante neoliberal e predadora do capitalismo ou às distorções da globalização. Coerentes com essa visão, propõem medidas que, segundo pensam, poderiam gerar uma sociedade mais justa

Alexandria Ocasio Cortez e deputados da “ala progressista” do Partido Democrata que defendem que os capitalistas façam um Green New Deal (um grande acordo verde) para salvar o meio ambiente.



e solidária.

Uma delas é a defesa da distribuição de renda como forma de diminuir as desigualdades sociais. Algumas ideias propostas são, por exemplo, a instituição de imposto sobre as grandes fortunas ou aumento da taxa dos mais ricos. Outra medida seria a adoção de uma renda básica para toda a população.

Outro ponto fundamental do seu programa é a garantia de direitos básicos tais como saúde, educação e moradia para toda a população. Também incluem o direito ao território e o respeito ao modo de vida de comunidades tradicionais, povos originários, quilombolas e comunidades camponesas.

Podemos incluir ainda nesse amplo leque do movimento progressista os movimentos identitários que reivindicam a ampliação dos direitos democráticos dos setores oprimidos no interior do capitalismo e defendem o empoderamento individual das mulheres; a tolerância à diversidade etc. Isso no marco do respeito aos direitos humanos e ao estado de direito.

Por fim, outro ponto importante da agenda progressista é a solidariedade com os países pobres por meio de propostas como a economia solidária, o comércio justo, a ajuda promovida pelas ONGs e propostas similares.

Nos próximos artigos, analisaremos a fundo essas

e outras propostas, mas, a primeira vista, qualquer pessoa que defenda o progresso social da humanidade pode legitimamente perguntar: mas, quem pode ser contra essa agenda?

OS SOCIALISTAS E AS IDEIAS PROGRESSISTAS

Antes de analisar e polemizar com os limites das correntes e dos governos progressistas, é preciso abrir um parêntese. Historicamente, os socialistas sempre defenderam todas as ideias progressistas que levam à libertação da humanidade de todo tipo de exploração e opressão.

O marxismo sempre esteve na vanguarda da defesa de ideias progressistas, há mais

de 170 anos. Lutamos contra a brutal desigualdade social e defendemos os direitos dos trabalhadores; defendemos os direitos das mulheres, dos negros e de todos os oprimidos contra todo tipo de opressão e discriminação; defendemos o direito de todos os povos à autodeterminação; lutamos contra as ditaduras por amplas liberdades democráticas para todo o povo e defendemos a ciência e a educação contra a superstição e a ignorância.

Ao mesmo tempo, assinamos que o desespero da burguesia mundial por manter seus lucros faz com que os governos capitalistas ataquem todos os

direitos e reformas progressistas que as classes exploradas e os setores oprimidos conquistaram. Ou seja, esses direitos e reformas estão ameaçados de forma permanente e podem ser retirados a qualquer momento.

Por isso, apesar dos séculos de luta dos explorados e oprimidos, o capitalismo em decadência provoca cada vez mais crises econômicas e sociais, destrói o homem e a natureza. A recente pandemia é uma demonstração categórica dessa verdade. O capitalismo conduz a humanidade para a barbárie.

A conclusão é evidente: enquanto o sistema capitalista existir, não haverá uma solu-



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/2ZHUFRC](https://bit.ly/2ZHUFRC)

Líderes de governos considerados progressistas da América Latina na década passada.

ção para a crise brutal em que vive a humanidade. Portanto, nós socialistas defendemos os direitos e as reformas progres-

sivas para a classe trabalhadora e os setores populares, mas ao mesmo tempo assinalamos que elas necessitam ser combinadas

com medidas que superem o sistema, porque senão, além de limitadas, estarão permanentemente ameaçadas.

LIMITES

Nossa crítica à concepção do progressismo

Muitos indivíduos e movimentos progressistas são bem-intencionados e pretendem responder a uma necessidade imediata dos trabalhadores e dos setores oprimidos. Porém todas as reformas progressistas que param nos limites do capitalismo conduzem sempre a um beco sem saída.

As medidas de distribuição de renda não mudam a propriedade privada dos meios de produção e, portanto, não eliminam a exploração, a concentração crescente da riqueza, os monopólios, as crises periódicas e, por consequência, a desigualdade social crescente. Os direitos políticos e jurídicos das mulheres, a não opressão explícita ou velada à identidade étnica dos negros, o combate à discriminação de qualquer tipo, não eliminam a opressão, o racismo, a violência policial. A solidariedade das ONGs não acaba com a exploração de países pobres pelos países imperialistas.

Inclusive uma parte dessas medidas são absorvidas por um setor da burguesia imperialista que faz algumas concessões com o objetivo de preservar o capitalismo. Não é casual que a ONU e os governos de países imperialistas também falem da necessidade de erradicar a fome

e a pobreza, diminuir as desigualdades na sociedade, combater o aquecimento global e a destruição do meio ambiente, apregoando a ideia do “bem comum da humanidade”. Mas nada muda, e a situação fica cada vez pior.

Nossa primeira crítica ao progressismo é que estes movimentos defendem reformas que apenas humanizam o capitalismo, sem mudar (e, portanto, preservando) o essencial da estrutura da sociedade capitalista. Nossa crítica principal é muito mais severa e diz respeito ao papel político dessa corrente. O progressismo é muito mais que uma ideologia reformista: sua atuação como uma força política que defende a preservação do capitalismo termina por se colocar contra os interesses da classe trabalhadora e suas lutas, para preservar o sistema.

QUANDO CHEGAM AO PODER

Quando as correntes progressistas se constituem em partidos que disputam o jogo político da sociedade capitalista e, ainda mais, quando ganham eleições e constituem governos ditos progressistas, sua atuação ganha outro aspecto. Para chegar ao governo e se manter nele nos mar-



Dilma durante a inauguração de Belo Monte. Projetada na ditadura, a hidrelétrica foi construída pelos governos do PT passando por cima dos clamores dos indígenas e ribeirinhos afetados pela obra.

cos do sistema político burguês, os partidos progressistas se encontram diante da necessidade de fazer alianças com outros partidos de centro e de direita e obedecer à lógica da administração capitalista do Estado burguês.

Esses governos progressistas se tornam governos burgueses quase iguais aos outros: promovem algumas reformas mais ou menos limitadas, mas no fundo aplicam a mesma agenda neoliberal de privatizações, flexibilização trabalhista e entrega dos recursos naturais para a exploração das multinacionais.

Ao mesmo tempo, como

suas reformas são limitadas e ineficazes, com frequência geram uma insatisfação e reações populares ou desmoralização. Para enfrentar essas reações, muitas vezes atacam e reprimem as lutas dos trabalhadores. Diante de uma revolução operária e popular, historicamente esses setores ficaram do outro lado da trincheira. Dessa forma, os progressistas prolongam a existência e a crise do capitalismo.

SUPERAR O CAPITALISMO

A única saída para impedir que a humanidade caia

na barbárie é que a classe trabalhadora e os setores populares façam uma revolução socialista que comece num país e se estenda a todo o mundo. Para isso, os trabalhadores precisam tomar o poder, instituir um governo socialista dos trabalhadores e do povo, socializar os meios de produção e planificar, de forma democrática, a economia, iniciando uma transição para o socialismo. Só assim é possível garantir de verdade que as ideias progressistas sejam levadas à prática de um modo duradouro.

PEC EMERGENCIAL

Governo e Congresso retomam ameaça de acabar com piso da Saúde e da Educação em troca de auxílio desidratado



DA REDAÇÃO

Na edição nº 606 do Opinião Socialista, denunciamos o fim do auxílio emergencial, que deixa ao relento mais de 47 milhões de pessoas que dependiam exclusivamente do benefício. Também denunciamos o acordão que vinha sendo costurado pelo governo e o Congresso para aprovar um arremedo de auxílio com um valor menor que a metade do auxílio pago no ano passado.

Denunciamos ainda a chantagem de Paulo Guedes para a concessão do auxílio. O governo sancionaria um remendo de benefício e, em troca, o Congresso aprovaria a famigerada carteira verde e amarela, sem os direitos da CLT, além de um dispositivo na PEC emergencial que acionaria gatilhos de ajuste fiscal a fim de proteger o teto dos gastos e manter a prioridade do pagamento da falsa dívida aos banqueiros.

De lá para cá, o auxílio emergencial continua só na promessa, enquanto o desemprego ofi-

cial atinge mais de 14 milhões de trabalhadores, e outros 33,5 milhões padecem na informalidade. O nível de ocupação é um dos menores da história, de apenas 48,6%. Isso significa que menos da metade das pessoas em idade para trabalhar estão efetivamente empregadas. Uma verdadeira tragédia social.

PROPOSTA ESCANDALOSA

A proposta do governo para a retomada de um auxílio desidratado está tomando corpo neste momento, e a emenda ficou muito pior que o soneto. Se a contrapartida da carteira verde e amarela foi momentaneamente engavetada, o governo e o

Congresso Nacional aprovaria a PEC emergencial acabando com os gastos obrigatórios da União, dos estados e dos municípios com saúde e educação (veja o quadro). Também proíbe reajuste a servidores neste e nos próximos dois anos e suspende contratações, concursos e promoções, ou seja, é uma prévia da reforma administrativa. Em troca, o governo editaria uma Medida Provisória concedendo um auxílio de R\$ 250 a R\$ 300 por quatro meses.

A minuta da proposta foi fechada no domingo, 22, pelo relator da matéria, senador Marcio Bittar (MDB-AC), no próprio Palácio do Planalto, com Bolsonaro e Guedes. A expectativa



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3DMX409](https://bit.ly/3DMX409)

de diversas regiões vivem um colapso nos hospitais e pacien-

tes em Manaus são amarrados por falta de sedativos. bo, chegou a dizer que “na saúde tem recursos demais”. Não é difícil entender por que tanto o governo quanto a turma do centrão defendem essas medidas. Para o governo, vale tudo para continuar pagando a dívida aos banqueiros. Para o centrão, é mais dinheiro para suas “emendas parlamentares”.

Durante a tramitação no Congresso, essa proposta pode sofrer alterações, mas o sentido continua o mesmo: tirar dos pobres para dar migalhas aos miseráveis.

“Na Saúde tem recursos demais.”
Arthur Lira

Congresso Nacional apostam numa medida ainda pior: a desindexação dos gastos obrigatórios com saúde e educação em todos os níveis.

O acordão funcionaria da seguinte forma: o Congresso Nacio-

era que fosse a voto no Senado já no dia 25, uma tramitação expressa para impor uma porrada na educação e na saúde públicas, isso em plena pandemia, quando estados e municípios

tes em Manaus são amarrados por falta de sedativos.

O recém-eleito presidente da Câmara, Arthur Lira (Progressistas-AL), é um entusiasta da proposta. Em entrevista ao jornal O Glo-

ENTENDA

COMO É HOJE:

União – Era obrigada a gastar 15% do Orçamento com saúde e 18% com educação até 2017.

Com a aprovação do teto dos gastos, esse valor foi congelado e passou a ser reajustado anualmente só pela inflação.

Estados – Têm de repassar 25% para educação e 12% para saúde.

Municípios – Têm de repassar 25% para educação e 15% para saúde.

COMO VAI FICAR:

Extinguem-se as vinculações e cada ente decide o que vai gastar e em qual área.

TIRAR DOS RICOS

Auxílio emergencial de R\$ 600 já!

A proposta do governo e do Congresso é um escândalo. Não resolve o problema dos que estão sem renda e vai aprofundar um cenário de terra arrasada.

É perfeitamente possível retomar já o auxílio emergencial de R\$ 600 para todos que necessitam, basta tirar de quem tem: os super-ricos, os ban-

queiros, as multinacionais e os grandes empresários. Só no ano passado, tivemos uma fuga de capitais da ordem de R\$ 87,5 bilhões, mais do que o dobro do que o governo pretende gastar com o novo auxílio. Gastar é uma forma de dizer, pois mesmo esse valor irrisório será compensado com

os já insuficientes recursos da saúde e da educação.

Acabando com a remessa de lucros, proibindo a fuga de dólares e taxando a fortuna dos 43 bilionários que existem hoje no país (o que daria cerca de R\$ 325 bilhões), daria para garantir o auxílio de R\$ 600 (que ainda é pouco, deveria ser pelo menos

um salário mínimo) enquanto durar a pandemia. Não é preciso tirar um centavo da saúde e da educação. Pelo contrário, é preciso investir mais nessas áreas, tanto em termos de estrutura quanto em concursos e valorização dos servidores públicos, enterrando o teto dos gastos e a Lei de Responsabilidade Fiscal.



FORÇAS ARMADAS

Cerveja, picanha e superfaturamento

O governo Bolsonaro tem sido uma oportunidade para que muitos oficiais assumam algumas boquinhas do Estado brasileiro. Os militares agora passaram a administrar funções de intermediar contratos do governo com empresas privadas. Não por acaso, tornaram-se comuns casos de superfaturamento, como o gasto de R\$ 15 milhões em aquisição de leite condensado destinado a todo o Executivo. Ou ainda o uso do dinheiro para combater o desmatamento da Amazônia desviado para reformar quartéis – o dobro das verbas de órgãos ambientais e de pesquisa para com-

bate ao desmatamento. Ou ainda o superfaturamento na produção de cloroquina, um medicamento totalmente ineficaz no combate à COVID-19.

Agora o Ministério Público está investigando outra farra do Exército. As Forças Armadas brasileiras usaram dinheiro público, ao longo de 2020, para bancar a compra de mais de 700 mil quilos de picanha e 80 mil cervejas. E não se trata de quaisquer itens. Para um dos cortes de carne mais nobres do país, foram escolhidas como referência peças das mais caras. Entre as cervejas, privilegiou-se o puro malte. A picanha

custou R\$ 84,14 o quilo, e as cervejas saíram R\$ 9,80 cada.

Na relação detalhada de compras de cervejas estão, por exemplo, 500 garrafas da marca Stella Artois ao preço unitário de R\$ 9,05. Há ainda a aquisição de 3 mil garrafas de Heineken a R\$ 9,80 cada. A lista de cervejas inclui também 2 mil garrafas de 600mL de Bohemia puro malte por R\$ 7,29, quando essas garrafas são encontradas por R\$ 5,79 no mercado.

As informações revelam ainda que Marinha, Aeronáutica, Exército, Indústria de Material Bélico do Brasil (Imbel)

e a administração interna do Ministério da Defesa são grandes consumidores de picanha. Só em 2020, foram concluídos 76 processos de compra do corte, somando 714.700 quilos da

carne nobre. Já o Comando do Exército Brasileiro é o campeão em processos de compras de picanha, tendo consumido 569 mil quilos do total. E tudo foi comprado sem licitação.



ESTADO ESPANHOL

Liberdade já para Pablo Hasél e todos os presos



No dia 16 de fevereiro, um enorme contingente policial, os Mossos d'Esquadra, invadiu a Universidade de Lérida,

na Catalunha, desfez barricadas e reprimiu dezenas de ativistas para prender Pablo Hasél. Toda a ação espalha-

fatoso não foi para prender algum terrorista, mas um rapper, cujo crime hediondo foi o de criticar a monarquia e as forças de segurança do país. Hasél foi condenado em 2018 a nove meses de prisão por “insultos à Coroa espanhola” e “incitação ao terrorismo” em suas músicas de protesto e em mensagens no Twitter.

A prisão arbitrária do músico desencadeou uma série de protestos em todo o país, que foram duramente reprimidos e desmascararam o caráter do

Estado Espanhol. Mais de 40 pessoas foram presas nos protestos e uma jovem de 18 anos perdeu um olho com um disparo de bala de borracha pela polícia em Barcelona.

Conforme diz uma nota da Corriente Roja, seção da LIT-QI no país, “o Estado Espanhol é o país com o maior número de artistas presos em nível internacional, chegando atualmente a 14 reclusos”. Um manifesto exigindo a liberdade do rapper foi assinado por mais de 200 personalidades, incluindo

o diretor Pedro Almodóvar e o ator Javier Bardem.

Como se isso não bastasse, com Hasél já preso, a Justiça impôs uma nova sentença, desta vez de dois anos e meio de prisão por uma suposta ameaça a uma falsa testemunha que tentava encobrir um caso de agressão praticado por policiais a um menor. Os ativistas exigem, além da libertação de Hasél e dos presos nas manifestações, o fim das leis arbitrárias contra a liberdade de expressão no país.

TERRAPLANISMO SANITÁRIO

Grupo de médicos continua defendendo cloroquina

Não tem vacina, mas o país tem um estoque de cloroquina suficiente para abastecer algumas cidades pelos próximos cem anos. Se depender do governo, vai ter ainda mais. Um edital publicado no Diário Oficial da União abre processo de aquisição de vários medicamentos, entre eles a cloroquina.

Não é surpresa para ninguém que, durante quase um ano, o governo tenha enfiado cloroquina goela abaixo dos brasileiros, mesmo após inúmeras pesquisas terem apontado não só que o medi-

camento é inútil para a COVID-19, como também pode causar arritmia e outros problemas de saúde. Mais de R\$ 90 milhões foram gastos com cloroquina e demais medicamentos sem comprovação científica, como a azitromicina.

Justamente agora que Bolsonaro tenta baixar o tom em relação à cloroquina, principalmente após o escândalo em Manaus, um grupo de médicos resolveu juntar essa bandeira do chão e agitar o mais puro negacionismo no momento da maior crise sanitária do país.



Intitulados “Médicos Pela Vida”, eles publicaram um anúncio em vários jornais defendendo o tal do “tratamento preventivo” para a CO-

VID-19, com cloroquina, o vermífugo ivermectina, zinco e vitamina D.

O incrível é que a própria fabricante da ivermectina, a farma-

cêutica Merck, já divulgou nota afirmando não haver qualquer evidência da eficácia do medicamento no combate à COVID-19. Mas o bolsonarismo científico, infelizmente, fala mais alto que a ciência.

O grupo tem um manifesto assinado por 4 mil profissionais da saúde e é liderado por seis médicos, nenhum deles infectologista. O Conselho Federal de Medicina (CFM), por sua vez, que se manteve mudo durante todas as atrocidades cometidas por Bolsonaro durante a pandemia, continua calado.

CHILE

Carabineiros e Justiça ameaçam **María Rivera**


DA REDAÇÃO

María Rivera, da direção do Movimento Internacional de Trabalhadores (MIT), candidata a uma vaga a Assembleia Constituinte do Chile, foi intimada a depor acusada perante a Justiça acusada de suposto crime de sedição imprópria. A denúncia foi apresentada pela oficialidade dos carabineiros (a polícia chilena) por María ter feito um chamado à tropa das forças repressivas para que parasse de massacrar o povo.

É preciso repudiar essa tentativa de intimidação feita pelos carabineiros e pela Justiça. Os carabineiros são hoje uma das instituições mais questionadas pelo povo chileno e não têm legitimidade alguma para adotar ações judiciais contra os ativistas sociais.

A Justiça chilena, por sua vez, está a serviço das famílias que são donas do país e dos capitalistas estrangeiros, por isso condena e persegue ativistas e deixa livres os assassinos dos carabineiros, das Forças Armadas e dos ricos corruptos que exploram os trabalhadores e afundam o povo na miséria e no contágio do COVID-19.

QUEM É MARÍA RIVERA

María é defensora dos direitos humanos e se dedicou a defender ativistas nas diferentes lutas sociais que ocorreram no Chile nas últimas duas décadas, como na Revolução dos Pinguins de 2006 e na luta estudantil de 2011. María Rivera também fez a denúncia contra a polícia civil e as forças especiais que aplicaram tortura.

Na atual explosão social do país, defendeu vários jovens presos pela polícia. María também fez a denúncia contra o presidente Sebastián Piñera por crimes de lesa-humanidade. Sua notável combatividade e coragem lhe renderam inúmeras ameaças de morte, em vá-

rias ocasiões, por grupos fascistas. Hoje ela é candidata numa lista popular à futura Assembleia Constituinte do país.

PERSEGUIÇÃO AOS ATIVISTAS

O ataque contra María surge no contexto de perseguição e prisão de ativistas que não aceitam baixar a cabeça e continuam lutando por verdadeiras transformações sociais. Em entrevista ao Opinião Socialista, María explicou a feroz repressão que se abateu no país depois que grandes mobilizações populares tomaram conta das ruas.

“A repressão do governo, desde a explosão social, que se iniciou no dia 18 de outubro de 2019, tem sido brutal. Já são mais de 40 mortos, muitos comprovadamente pelas mãos de militares e carabineros, outros em situações nunca esclarecidas. Há mais de 400 vítimas com traumas oculares, muitas delas chegaram a perder a visão em um olho e duas pessoas perderam a visão em ambos os olhos, fruto de disparos de bala de borracha e bombas de gás lacrimogêneo lançadas no rosto. Além disso, há milhares de denúncias de tortura, estupro e agressões”, contou.

“Hoje, entre presos políticos e pessoas com restrição de liberdade, temos mais de duas mil pessoas. É impressionante como os promotores, orientados pelo governo, pedem penas de vários anos para pessoas que destruíram vidros de lojas; mas os policiais, que assassinaram, não são julgados e condenados”, disse.

Desde o início da revolução chilena, María e o MIT fizeram um apelo legítimo às tropas dos carabineiros e das Forças Armadas para não atacarem nem massacrarem seu próprio povo. Esse apelo a todas as tropas dos carabineiros e das Forças Armadas é reafirmado pela organização. “Não obedecem a seus oficiais corruptos para



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3PV9RAW](https://bit.ly/3PV9RAW)

massacrar seu próprio povo!”, diz nota do MIT.

ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

María sabe que a nova Assembleia Constituinte é cheia de armadilhas que vão impedir as profundas mudanças que o país precisa. “Pela história de nosso país e do mundo, sabemos que a burguesia, ainda que perca a maioria na futura Convenção Constitucional, não abrirá mão de sua riqueza e de seu modelo econômico”, explicou.

Sua candidatura defende que a maioria da riqueza produzida no país esteja a serviço de solucionar os problemas de saúde, educação, aposentadorias, moradia, que afetam a enorme maioria da população. Também defende o fim das atuais Forças Armadas e dos carabineiros e sua substituição pelo povo armado. Hoje, as Forças



Carabineiros em ação

Armadas estão nas mãos de um punhado de milionários, que as utilizam para reprimir o povo.

“Lutamos para desenvolver a organização e a luta popular até que o povo trabalhador tenha condições de governar o

país em seus organismos de classe, que ainda estão surgindo de forma muito embrionária. Queremos um Chile e um mundo socialistas. Um socialismo no qual a maioria dos trabalhadores e trabalhadoras tenha poder de decidir o que fazer com toda a riqueza que produzimos”, disse.

Diante das novas intimidações contra María, o MIT iniciou uma campanha nacional e internacional em sua defesa. “Não aceitaremos qualquer intimidação, não aceitaremos que ataquem nossa companheira, nossa organização e uma candidatura revolucionária!”, afirma a organização em nota.



Protestos populares no Chile realizados em 2019